

**Gordon D. Fee  
Douglas Stuart**

4ª Edição revisada e ampliada

**entendes  
o que lês?**

um guia para entender  
a Bíblia com auxílio da  
exegese e da  
hermenêutica

# Sumário

<i>Reduções gráficas</i> .....	9
<i>Prefácio à quarta edição em português</i> .....	13
<i>Prefácio à quarta edição</i> .....	17
<i>Prefácio à terceira edição</i> .....	19
<i>Prefácio à primeira edição</i> .....	23
1. Introdução: a necessidade de interpretar.....	29
2. A ferramenta básica: uma boa tradução .....	51
3. As epístolas: aprendendo a pensar contextualmente .....	81
4. As epístolas: as questões hermenêuticas.....	103
5. As narrativas do Antigo Testamento: seu emprego apropriado .....	129
6. Atos: a questão do precedente histórico.....	155
7. Os Evangelhos: uma história, muitas dimensões .....	183
8. As parábolas: você captou a mensagem? .....	213
9. A Lei (As leis): as estipulações da aliança para Israel .....	233
10. Os profetas: fazendo cumprir a aliança em Israel .....	259
11. Os salmos: as orações de Israel e as nossas.....	293

12. A sabedoria: então e agora.....	321
13. Apocalipse: imagens de juízo e de esperança .....	357
<i>Apêndice: avaliação e uso de comentários .....</i>	<i>379</i>
<i>Índice onomástico.....</i>	<i>399</i>
<i>Índice de passagens bíblicas.....</i>	<i>401</i>

# Reduções gráficas

## Antigo Testamento

Gn	Gênesis	Ec	Eclesiastes
Êx	Êxodo	Ct	Cântico dos Cânticos
Lv	Levítico	Is	Isaías
Nm	Números	Jr	Jeremias
Dt	Deuteronômio	Lm	Lamentações
Js	Josué	Ez	Ezequiel
Jz	Juízes	Dn	Daniel
Rt	Rute	Os	Oseias
1Sm	1Samuel	Jl	Joel
2Sm	2Samuel	Am	Amós
1Rs	1Reis	Ob	Obadias
2Rs	2Reis	Jn	Jonas
1Cr	1Crônicas	Mq	Miqueias
2Cr	2Crônicas	Na	Naum
Ed	Esdras	Hc	Habacuque
Ne	Neemias	Sf	Sofonias
Et	Ester	Ag	Ageu
Jó	Jó	Zc	Zacarias
Sl	Salmos	Ml	Malaquias
Pv	Provérbios		

## Novo Testamento

Mt	Mateus	1Tm	1Timóteo
Mc	Marcos	2Tm	2Timóteo
Lc	Lucas	Tt	Tito
Jo	João	Fm	Filemom
At	Atos	Hb	Hebreus
Rm	Romanos	Tg	Tiago
1Co	1Coríntios	1Pe	1Pedro
2Co	2Coríntios	2Pe	2Pedro
Gl	Gálatas	1Jo	1João
Ef	Efésios	2Jo	2João
Fp	Filipenses	3Jo	3João
Cl	Colossenses	Jd	Judas
1Ts	1Tessalonicenses	Ap	Apocalipse
2Ts	2Tessalonicenses		

## Abreviações e siglas gerais

a.C.	antes de Cristo
AT	Antigo Testamento
c.	cerca de
cap.(s.)	capítulo(s)
cf.	conferir
d.C.	depois de Cristo
e.g.	<i>exempli gratia</i> , por exemplo
ed.	editado por
et al.	<i>et alii</i> , e outros
etc.	<i>et cetera</i> , e outras coisas
i.e.	<i>id est</i> , isto é
NT	Novo Testamento
p.	página(s)
v.	versículo(s); volume(s)

### Siglas de traduções da Bíblia

A21	Almeida Século 21, 2008
ACF	Almeida Corrigida e Fiel, 1994
ARA	Almeida Revista e Atualizada, 1993
ARC	Almeida Revista e Corrigida, 1995
BJ	Bíblia de Jerusalém, 1981, 2002
BV	Bíblia Viva, 1981
ESV	The English Standard Version, 2001
GNB	The Good News Bible, 1922
HCSB	The Holman Christian Standard Bible, 2003
JB	The Jerusalem Bible, 1966
KJV	The King James Version (também conhecida como Versão Autorizada), 1611
LB	The Living Bible, 1971
NAA	Nova Almeida Atualizada
NAB	The New American Bible, 1970
NASB	The New American Standard Bible, 1995
NEB	The New English Bible, 1961
NIV	The New International Version, 2011
NJB	The New Jerusalem Bible, 1985
NKJV	The New King James Version, 1982
NLT	The New Living Translation, 1997
NRSV	The New Revised Standard Version, 1991
NTLH	Nova Tradução na Linguagem de Hoje, 2000
NVI	Nova Versão Internacional, 2001
REB	The Revised English Bible, 1989
RSV	The Revised Standard Version, 1952

### Siglas de séries de comentários

AB	Anchor Bible
BCOT	Baker Commentary on the Old Testament

BNTC	Black's New Testament Commentaries
BST	The Bible Speaks Today
CC	Concordia Commentary
EBC	Expositor's Bible Commentary
HNTC	Harper's New Testament Commentary
<i>Int</i>	<i>Interpretation</i>
NAC	New American Commentary
NCBC	New Century Bible Commentary
NIBC	New International Biblical Commentary
NICNT	New International Commentary on the New Testament
NICOT	New International Commentary on the Old Testament
NIGTC	New International Greek Testament Commentary
NIVAC	The NIV Application Commentary
OTL	Old Testament Library
REC	Reformed Expository Commentary
SCB	Série Cultura Bíblica
SP	Sacra Pagina
TNTC	Tyndale New Testament Commentaries
UBCS	Understanding the Bible Commentary Series
TNTC	Tyndale New Testament Commentaries
TOTC	Tyndale Old Testament Commentaries
WBC	Word Biblical Commentary

## Prefácio à quarta edição em português

“ Já é uma façanha um livro ser relevante para as pessoas de seu tempo”, começava o prefácio à terceira edição em português, de 2011, deste *Entendes o que lês?* E prosseguia assim: “Mas continuar sendo relevante mesmo depois de algumas décadas é, sem sombra de dúvida, uma proeza que se aplica a poucos livros”.

Pois a verdade é que uma década depois daquela terceira edição, o livro continua extremamente relevante — e sobretudo necessário em nossos dias em que proliferam análises e interpretações tão esquisitas do texto bíblico.

*Entendes o que lês?* continua falando às novas gerações com a mesma força, impacto e relevância com que falou à geração da época em que foi escrito e publicado na sua primeira edição em 1982 (e em português em 1984), agora na sua quarta edição.

Antes de destacarmos aqui as “atualizações” da quarta edição, vamos sublinhar a alteração feita já na terceira edição em português, que evidentemente permanece nesta quarta edição. Foi acrescentado à terceira edição em português um capítulo sobre versões e traduções bíblicas: “A ferramenta básica: uma boa tradução” (cap. 2). Esse capítulo não era um acréscimo dos autores à terceira edição



norte-americana, pois já constava na primeira edição em inglês. No entanto, por ocasião da elaboração das edições anteriores em português, pelo fato de esse capítulo fundamentar sua discussão nas versões da Bíblia em inglês, optou-se por não inseri-lo na edição em português. Contudo, diante do notório desenvolvimento dos estudos na área de tradução bíblica, julgamos ser importante para o estudioso da Bíblia a discussão teórica que os autores propunham nesse capítulo sobre tradução. Assim, já na terceira edição em português, optamos por incluir o capítulo sobre a “ferramenta básica”, que obviamente permanece nesta quarta edição. Nele, conservamos a discussão em torno das traduções da Bíblia em inglês, em respeito aos comentários dos autores e em sintonia com a sua argumentação no capítulo. Não seria correto substituímos as traduções inglesas que os autores analisam por traduções equivalentes em português, uma vez que toda a análise que eles fazem se baseia nas versões bíblicas em inglês.

No restante da obra, porém, nos casos em que os autores não discutem a tradução bíblica em si, mas apenas fazem citações do texto bíblico, foram usadas traduções equivalentes em português ou, em algumas ocorrências, os trechos bíblicos foram traduzidos da versão bíblica empregada em inglês para o português para que o leitor consiga compreender melhor o fluxo da argumentação dos autores.

E o que já era tão bom em três edições podia ser melhorado ainda mais em uma quarta? Os autores entenderam que sim e que uma atualização e alguns ajustes eram desejáveis, como registra Gordon Fee no prefácio à quarta edição em inglês. (Veja os exemplos que ele cita naquele prefácio.)

Destacamos aqui mais alguns elementos alterados ou acrescentados. O leitor atento perceberá algumas mudanças sutis no vocabulário empregado. Por exemplo, entre os tipos de salmos tratados em uma seção do capítulo 11 estão os “lamentos”, antes classificados como “lamentações”, o que ajuda a distinguir esses

salmos do livro bíblico de Lamentações. E por que não aproveitar a nova edição para trocar “prestamista” por “credor” na parábola dos dois devedores que Jesus nos conta em Lucas?

Um exemplo de uma alteração mais substancial é a distinção feita pelos autores na quarta edição entre “servidão” e “escravidão” no capítulo que trata da Lei (e das leis) do Antigo Testamento. Quando ler e estudar o capítulo 9, o leitor entenderá a importância dessa alteração.

Mais uma alteração muito bem-vinda em uma nova edição é a atualização da bibliografia, que neste caso é uma lista de comentários (AT e NT) indicando as melhores obras do gênero para consulta e estudo tanto para o leitor geral quanto para o estudante avançado.

Nossa oração é que este livro continue sendo amplamente adotado por estudantes e professores de seminário, em especial, por aqueles que estão envolvidos na tarefa da interpretação e pregação da Palavra de Deus. Também desejamos que pastores e mesmo leigos estudiosos da Palavra nas igrejas continuem usufruindo dos valiosos recursos desta obra para o estudo, o ensino e a pregação do Evangelho.

Os Editores  
Junho de 2021

## Prefácio à quarta edição

Esta quarta edição de *How to read the Bible for all its worth* [Entendes o que lês?] foi provocada por um telefonema de Doug, em que o assunto foi a necessidade de uma atualização das indicações bibliográficas no Apêndice. Não era preciso ler muito da obra na terceira edição para perceber quantas coisas haviam mudado ao longo da última década. Além da bibliografia, outros aspectos também precisavam ser atualizados. Como de costume, tirei um exemplar da minha estante e comecei a marcar, página por página, com caneta vermelha, o que precisava de atualização, e percebi que uma revisão geral e ampla era necessária. No topo da lista estava minha “paixão” já durante a vida toda com “eliminar os números”, para que assim as pessoas possam ler a Bíblia da maneira em que leem qualquer livro. Nesta edição, os números, isto é, as identificações de capítulos e versículos, estão mantidos, sim, mas agora aparecem, na maioria das ocorrências, entre parênteses no final de cada frase ou parágrafo. É compreensível que isso tenha forçado uma reestruturação de várias frases; mas também nos deu a oportunidade de atualizar uma série de outras questões. O resultado é uma quarta edição do mesmo livro que já beneficiou muitos leitores da Bíblia.

Descobrimos que a maior necessidade de revisão estava associada ao próprio texto bíblico. A necessidade estava clara, visto que

a NIV original, também conhecida como a NIV de 1984, já não é publicada. Como membro já há muitos anos da Comissão para a Tradução da Bíblia, responsável pela NIV, foi um privilégio para mim ajustar o texto bíblico usado em todo este livro [na edição em inglês], no caso agora baseado na NIV de 2011. Assim, como no caso de qualquer “revisão” de um livro, fizemos “atualizações” em quase todas as páginas desta obra. Mas o conteúdo continua basicamente o mesmo. O nosso propósito aqui foi tornar o nosso próprio livro mais “legível”, mas, muito além disso, encorajar a leitura contínua da Bíblia por parte do povo de Deus. Assim, concluímos este prefácio repetindo as palavras que Sto. Agostinho ouviu e que o conduziram a sua conversão: *“Tolle, lege”* — “Pegue e leia!”, significando, obviamente, as Escrituras, na esperança de que com este pequeno livro possamos ajudar você a ler de maneira melhor a Palavra de Deus, com atitude de adoração e tendo a obediência como alvo supremo!

Gordon D. Fee  
Julho de 2013

## Prefácio à terceira edição

A publicação da segunda edição da obra *How to read the Bible book by book* (2002) [publicado no Brasil com o título *Como ler a Bíblia livro por livro*]<sup>1</sup> exigiu dos autores uma reconsideração e uma atualização do *Entendes o que lês?* [*How to read the Bible for all its worth*, em inglês]. Em parte, isso se deu pelo fato de que regularmente fizemos referência a várias passagens do *Como ler a Bíblia livro por livro* no *Entendes o que lês?* (na época, usamos a primeira edição, e agora, para atualizar este livro, fizemos uso da segunda edição da obra em inglês). No processo dessa referência, constatamos quanto tínhamos aprendido desde o período em que escrevemos a primeira edição, entre 1979 e 1980, e quanto os dados presentes neste livro tinham mudado em todo esse tempo. Não somente precisamos mudar as referências do século 20 para o século 21 (!), mas estamos conscientes de que outras informações já eram “datadas” (aliás, os agradecimentos pelos manuscritos datilografados por nossas secretárias na primeira edição fizeram com que nos sentíssemos um tanto ultrapassados). Também foi nosso desejo

---

<sup>1</sup>Neste livro — *Entendes o que lês?* —, os autores fazem repetidas referências a seu outro importante livro que também trata do tema da leitura e estudo da Bíblia, *Como ler a Bíblia livro por livro*. Aqui as referências a essa obra e as citações dela extraídas são da edição publicada por Edições Vida Nova em 2013, com várias reimpressões nos anos seguintes.

refletir sobre vários avanços significativos dos estudiosos (especialmente no que diz respeito às narrativas bíblicas). Portanto, isso explica de forma breve o porquê desta presente edição. Mas algumas explicações adicionais também são necessárias.

O capítulo que mais obviamente precisávamos revisar era o capítulo 2. Embora muitos dos apontamentos e exemplos da teoria da tradução tenham sido conservados, cada tradução listada na edição anterior, exceto no caso da NRSV, passou por revisões nas últimas décadas. Isso não só desencadeou grande parte das discussões sobre as traduções desatualizadas, mas também exigiu algumas explicações a mais acerca das razões para revisões dessas bem estabelecidas e bem apreciadas expressões da Bíblia em inglês. Na primeira edição, oferecemos muitos de nossos comentários em contraste com a King James Version; estávamos conscientes de como são poucas as pessoas nos EUA e Canadá (aquelas abaixo de 35 anos) que têm alguma intimidade com a King James Version. Por isso, também foi necessário revisar a primeira edição em inglês da obra *Como ler a Bíblia livro por livro*.

Outro detalhe que obviamente precisava de séria atualização — e (por incrível que pareça!) será necessária outra atualização tão logo esta edição esteja disponível — é a lista de comentários sugeridos no Apêndice. Novos e bons comentários surgem sempre. Assim, como antes, lembramos os leitores de que precisam estar conscientes disso e tentar encontrar auxílio onde puderem. Mesmo assim, nossa presente lista lhes proporcionará uma excelente ajuda para os próximos anos.

Entretanto, sentimos que outros capítulos também precisavam de revisão. E isso reflete tanto nosso próprio crescimento quanto nossa percepção de mudança no clima e perfil de nosso público leitor das duas últimas décadas. Na época da primeira edição, tínhamos apresentado um pano de fundo em que a interpretação insatisfatória das Escrituras era infelizmente um fenômeno

frequente. Isso nos levou em alguns capítulos a reforçar o modo em que *não* se devem ler certos gêneros literários. Nossa opinião é a de que muitos leitores de hoje conhecem menos sobre essas formas insatisfatórias de “lidar com a Bíblia”, em parte, porque atravessamos um período em que encontramos, de forma assustadora, um grande número de pessoas que, em geral, são bíblicamente iletradas. Em alguns capítulos, nossa ênfase mudou e decididamente optamos por seguir na direção de ensinar primeiro a boa leitura, dando menor ênfase às formas em que os textos foram mal-interpretados no passado.

Também esperamos que aqueles que lerem este prefácio leiam também o prefácio à primeira edição em que fizemos uma pequena alteração em uma frase para dar maior clareza. Embora algumas coisas ali já estejam ultrapassadas (especialmente a menção a outros livros), ele ainda serve como prefácio autêntico do livro e deve orientar você sobre o que pode esperar de *Entendes o que lê?*.

Ainda temos uma palavrinha para dar sobre o título — uma vez que recebemos comentários sugerindo “correções” não apenas em outras partes do livro, mas também no título. Não houve erro, nem nós nem os editores cometeram um erro! O “its” do título *How to read the Bible for all its worth*<sup>2</sup> [Como ler a Bíblia em todo o {por todo o} seu valor] faz parte de um jogo de palavras que funciona apenas quando aparece sem o apóstrofo, indicando um possessivo; e, por fim, nossa própria ênfase encontra-se no uso desse possessivo “its” [“its worth” = seu valor/valor da Bíblia]. As Escrituras são a Palavra de Deus, e queremos que as pessoas a leiam por causa do grande valor que a Bíblia tem para elas. E se elas fazem isso “por causa do grande valor que a Bíblia tem” consequentemente valorizarão sua própria vida.

---

<sup>2</sup>Este é o título em inglês do livro *Entendes o que lê?* [N. do T.].

Reforçando, gostaríamos de agradecer a várias pessoas que nos ajudaram a aperfeiçoar este livro, pessoas a quem devemos muito. Maudine Fee, que leu cada palavra várias vezes, com olhar agudo para coisas que somente estudiosos poderiam entender (!); um agradecimento especial também a V. Phillips Long, Bruce W. Waltke e Bill Barker pelas diversas contribuições.

Estamos constrangidos e agradecidos com o sucesso que este livro tem alcançado nas duas últimas décadas. E esperamos que esta nova edição possa mostrar-se igualmente útil.

Gordon D. Fee  
Douglas Stuart  
Advento de 2002



## Prefácio à primeira edição

**E**m um de nossos momentos mais descontraídos, brincamos com a ideia de intitular este livro: *Não só mais um livro sobre como entender a Bíblia*. Como prevaleceu o bom senso, o “título” saiu perdendo. Tal título, no entanto, realmente descreveria o tipo de necessidade que levou este livro a ser escrito.

São abundantes os livros sobre como entender a Bíblia. Alguns são bons, outros não são tão bons assim. Poucos são escritos por estudiosos bíblicos. Alguns desses livros abordam o assunto com base na variedade de métodos que se podem empregar no estudo das Escrituras, outros procuram ser manuais básicos de hermenêutica (a ciência da interpretação) para o leigo. Tais livros geralmente oferecem uma longa seção de regras gerais (regras estas que se aplicam a todos os textos bíblicos) e outras seções de regras específicas (regras que governam tipos especiais de problemas: a profecia, a tipologia, as figuras de linguagem etc.).

Dentre os livros do tipo “manual básico” recomendamos especialmente *Knowing Scripture*, de R. C. Sproul (InterVarsity Press). Para uma dose mais pesada e menos fácil de ler da mesma matéria, mas uma obra muito útil, deve-se recorrer a A. Berkeley Mickelson: *Interpreting the Bible* (Eerdmans). O que existe de mais próximo do tipo de livro que escrevemos é *Better Bible study*, de Berkeley e Alvera Mickelson (Regal).

Mas este não é “apenas mais um livro” — assim esperamos. A singularidade do que procuramos fazer tem várias facetas:

1. Uma olhada no sumário é suficiente para notar que a preocupação básica deste livro diz respeito à compreensão dos vários tipos de literatura (os gêneros literários) que compõem a Bíblia. Embora de fato também falemos de outras questões, essa abordagem dirigida pelos gêneros literários controlou tudo que foi feito. Afirmamos que há uma diferença real e concreta entre um salmo, de um lado, e uma epístola, de outro. Nossa intenção é ajudar o leitor a ler e estudar os salmos como poemas, e as epístolas como cartas. Esperamos ter conseguido demonstrar que essas diferenças são vitais e que devem afetar tanto o modo de a pessoa lê-los quanto a maneira de compreender sua mensagem para hoje.

2. Embora ao longo do livro tenhamos dado várias orientações para *estudar* cada gênero das Escrituras, estamos igualmente interessados na *leitura* inteligente delas porque é isso que a maioria de nós faz com mais frequência. Qualquer pessoa que tentou, por exemplo, ler Levítico, Jeremias ou Provérbios, do começo ao fim, em contraste com 1Samuel ou Atos, sabe muito bem que há muitas diferenças. Pode-se ficar enalhadado em Levítico, e quem não sentiu a frustração de completar a leitura de Isaías ou Jeremias e então perguntar a si mesmo qual era o “fio da meada”? Em contraste, 1Samuel e Atos são de leitura muito agradável. Esperamos ajudar você a apreciar essas diferenças e a ler de modo inteligente e proveitoso as partes não narrativas da Bíblia.

3. Este livro foi escrito por dois professores de seminário, aquelas pessoas às vezes secas e indigestas que outros autores tentam evitar — até escrevem livros com esse propósito. Com frequência se afirma que não é necessário ter uma formação de seminário para compreender a Bíblia. É verdade, e cremos nisso de todo o nosso coração. Mas também nos preocupamos com a sugestão (às vezes) camuflada de que uma formação em um seminário ou

os próprios professores de seminário são, portanto, um *empecilho* à compreensão da Bíblia. Temos a ousadia de pensar que até mesmo os “peritos” podem ter algo a dizer.

Além disso, acontece que esses dois professores de seminário são crentes que pensam ser necessário obedecer aos textos bíblicos, e não só lê-los ou estudá-los. É exatamente esse interesse que nos levou a ser estudiosos logo de início. Tínhamos um grande desejo de compreender tão cuidadosamente e tão plenamente quanto possível o que exatamente devemos saber acerca de Deus e da sua vontade no século 20 (e agora no século 21).

Esses dois professores de seminário também pregam e ensinam a Palavra de modo regular em uma variedade de situações eclesiais. Logo, somos regularmente conclamados não só a sermos estudiosos, mas também a compreendermos a maneira de aplicar a Bíblia, e isso nos leva ao nosso quarto item.

4. A grande necessidade que causou o nascimento deste livro é a hermenêutica; escrevemos especialmente para ajudar os crentes a encarar e enfrentar as questões da aplicação. Muitos dos problemas urgentes na igreja hoje são basicamente esforços para transpor o abismo hermenêutico, que está associado à mudança do “lá e então” do texto original para o “aqui e agora” das situações da nossa própria vida. Mas isso também significa transpor o abismo entre o estudioso e o leigo. A preocupação do estudioso diz respeito primordialmente àquilo que o texto *significava*; a preocupação primordial do leigo geralmente é com aquilo que o texto *significa*. O estudioso cristão insiste que devemos ter ambos. Ler a Bíblia tendo em vista *somente* seu significado para nós pode levar a uma grande dose de contrassenso, bem como a todo tipo imaginável de erro — devido à falta de controle. Felizmente, a maioria dos cristãos é abençoada com pelo menos uma medida da mais importante habilidade hermenêutica — o bom senso.

Por outro lado, nada pode ser tão seco e sem vida para a igreja quanto tornar o estudo bíblico meramente um exercício acadêmico de investigação histórica. Embora a Palavra tenha sido dada em um contexto histórico concreto, sua qualidade sem igual é que a Palavra, historicamente dada e condicionada, é sempre uma Palavra viva.

Nossa preocupação, portanto, deve ser com as duas dimensões. O estudioso cristão insiste em que os textos bíblicos primeiramente *significam aquilo que significavam*. Ou seja, cremos que a Palavra de Deus para nós hoje é, em primeiro lugar, precisamente aquilo que sua Palavra era para eles. Temos, portanto, duas tarefas: em primeiro lugar, descobrir o que o texto significava na sua origem. Essa tarefa é chamada de *exegese*. Em segundo lugar, devemos aprender a escutar esse mesmo significado na variedade de contextos novos ou diferentes dos nossos próprios dias. Chamamos a essa segunda tarefa de *hermenêutica*. No seu sentido clássico, o termo “hermenêutica” abrange as duas tarefas, mas neste livro o usamos sempre neste sentido mais estrito. Realizar bem as duas tarefas deve ser o alvo do estudo bíblico.

Assim, nos capítulos 3 ao 13, que tratam de dez tipos diferentes de gêneros literários, dedicamos nossa atenção às duas necessidades. Visto ser a exegese sempre a primeira tarefa, gastamos boa parte do nosso tempo enfatizando a singularidade de cada um dos gêneros. O que é um salmo bíblico? Quais são os diferentes tipos de salmos? Qual é a natureza da poesia hebraica? Como tudo isso afeta o nosso entendimento? Mas também estamos empenhados em saber como os vários salmos funcionam como a Palavra de Deus. O que Deus está querendo dizer? O que devemos aprender, ou como devemos obedecer? Aqui, evitamos uma apresentação de regras. O que oferecemos são orientações, sugestões, ajudas.

Reconhecemos que a primeira tarefa — a exegese — muitas vezes é considerada uma questão de especialistas. Às vezes, isso é verdade. Mas não é necessário que alguém seja um especialista

para aprender a fazer bem as tarefas da exegese. O segredo está em aprender a fazer as perguntas certas ao texto. Esperamos, portanto, ensinar o leitor a fazer as perguntas certas a cada gênero bíblico. Haverá ocasiões em que a pessoa finalmente desejará consultar também os especialistas. Também oferecemos algumas sugestões práticas sobre esse assunto.

Cada autor é responsável por aqueles capítulos que pertencem à sua área de especialidade.<sup>1</sup> Assim, o professor Fee escreveu os capítulos 1—4, 6—8 e 13; e o professor Stuart escreveu os capítulos 5 e 9—12. Embora cada autor tenha influenciado consideravelmente nos capítulos do outro, e embora consideremos que o livro seja verdadeiramente um esforço conjunto, o leitor cuidadoso também observará que cada autor tem seu próprio estilo e maneira de apresentação. Agradecemos especialmente a alguns amigos e parentes que leram vários dos capítulos e ofereceram conselhos úteis: Frank DeRemer, Bill Jackson, Judy Peace, e Maudine, Cherith, Craig e Brian Fee. Agradecemos também de modo especial a nossas secretárias, Carrie Powell e Holly Greening, por terem datilografado tanto os esboços quanto o manuscrito definitivo.

Nas palavras da criança que moveram Agostinho a ler uma passagem de Romanos na experiência da sua conversão, dizemos: “*Tolle, lege*” — “Pegue e leia”. A Bíblia é a Palavra eterna de Deus. Leia-a, compreenda-a, obedeça-lhe.

---

<sup>1</sup>A Baker Book House, de Grand Rapids, Michigan, deu-nos autorização para usar a matéria dos capítulos 3, 4 e 6, que apareceram anteriormente numa forma diferente como: “Hermeutics and common sense: an explanatory essay on the hermeneutics of the epistles”, em *Inerrancy and common sense* (ed. J. R. Michaels e R. R. Nicole, 1980), p. 161-186; e “Hermeneutics and historical precedent — a major problem in pentecostal hermeneutics”, em *Perspectives on the new pentecostalism* (ed. R. P. Spittler, 1976), p. 118-132.

# 1

## Introdução: a necessidade de interpretar

“Você não precisa interpretar a Bíblia. Apenas leia e faça o que ela diz.” É muito comum encontrarmos pessoas que defendem essa ideia com grande convicção. Em geral, essa atitude reflete o protesto do leigo contra o “especialista”, o estudioso, o pastor, o catedrático ou o professor de escola bíblica dominical que, com base no recurso da “interpretação”, parecem privar a pessoa comum de entender a Bíblia. Esse protesto também é uma forma de dizer que a Bíblia não é um livro de difícil compreensão. “Afinal de contas”, argumenta-se, “qualquer pessoa com metade de um cérebro pode lê-la e entendê-la. O problema com um grande número de pregadores e professores é que cavam tanto a terra que acabam por enlamear as águas. O que tínhamos lido e estava claro para nós agora já não está mais tão claro”.

Há certo grau de verdade em tal protesto. Concordamos que os cristãos devam aprender a ler a Bíblia, crer nela e obedecer-lhe. Em especial, concordamos com o argumento de que a Bíblia não precisa ser um livro de difícil compreensão, se for corretamente lida e estudada. Na realidade, estamos convictos de que o problema específico mais sério que as pessoas têm com a Bíblia não é a *falta* de entendimento, mas o fato de que muitas coisas elas entendem

bem demais! O problema com um texto como “Fazei todas as coisas sem queixas nem discórdias” (Fp 2.14), por exemplo, não é compreendê-lo, mas sim obedecer-lhe — colocá-lo em prática.

Também concordamos que há uma inclinação demasiada da parte do pregador ou do professor em primeiro escavar, e só depois olhar para o texto, o que acaba por encobrir o significado claro, que com frequência está na superfície. É preciso dizer logo de início — e repetir a cada passo — que o alvo da boa interpretação não é a originalidade; não estamos tentando descobrir aquilo que ninguém jamais viu.

Uma interpretação que visa à originalidade, ou a pressupõe, em geral pode ser fruto de orgulho (uma tentativa de “ser mais inteligente” do que todo o resto do mundo), de falso entendimento da espiritualidade (a Bíblia está repleta de verdades profundas que esperam ser escavadas por uma pessoa espiritualmente sensível, com profundo discernimento das coisas) ou de interesses pessoais (necessidade de fundamentar um pressuposto teológico, especialmente quando se trata de textos que parecem contradizer tal pressuposto). Em linhas gerais, tais interpretações “originais” estão erradas, o que não implica dizer que o entendimento correto de um texto não possa, com frequência, parecer original para alguém que o ouve pela primeira vez. Enfim, o que de fato queremos argumentar é que a originalidade *não* é o alvo de nossa tarefa.

O alvo da boa interpretação é simples: chegar ao “significado claro do texto”. E o ingrediente mais importante para cumprir essa tarefa é o bom senso suficientemente aguçado. O teste de uma boa interpretação está em saber se a maneira em que ela expõe o texto escrito faz sentido. Portanto, a interpretação correta tanto consola a mente quanto pode também incitar ou irritar o coração.

Entretanto, se o significado claro é o que a interpretação busca, então por que interpretar? Por que não ler, simplesmente? O significado claro não provém de uma leitura simples? Em certo

sentido, sim. Contudo, em um sentido mais preciso, tal argumento é tanto ingênuo quanto irreal em virtude de dois fatores: a natureza do leitor e a natureza das Escrituras.

### O leitor como intérprete

A primeira razão de precisarmos aprender a interpretar é que todo leitor, quer queira, quer não, é ao mesmo tempo um intérprete; ou seja, a maioria de nós presume que, quando lemos, também entendemos o que lemos. Temos também a tendência de pensar que *nosso entendimento* é a mesma coisa que a *intenção* do Espírito Santo ou do autor humano. No entanto, levamos para o texto, invariavelmente, tudo que somos, com todas as nossas experiências, cultura e entendimento prévio de palavras e ideias. Às vezes, aquilo que levamos para o texto nos desencaminha ou nos leva a impor ao texto ideias que lhe são estranhas, mesmo quando essa não é a nossa intenção.

Assim, quando uma pessoa em nossa cultura ouve a palavra “cruz”, séculos de arte e simbolismo cristãos levam a maioria das pessoas a pensar automaticamente em uma cruz romana (†), embora haja pouca probabilidade de que tenha sido esse o formato da cruz de Jesus, que provavelmente tinha a forma de um “T”. A maioria dos protestantes — e também dos católicos —, quando lê textos acerca da igreja reunida para adorar, automaticamente forma em sua mente a imagem de pessoas sentadas nos bancos em uma construção, muito semelhante ao que acontece na realidade deles. Quando Paulo diz “e não fiqueis pensando em como atender aos desejos da carne” (Rm 13.14), em muitas culturas, as pessoas tendem a pensar que “carne” se refere ao “corpo” e, portanto, que Paulo está falando de “desejos físicos”.

No entanto, a palavra “carne”, conforme Paulo a emprega, raras vezes se refere ao corpo em si — e nesse texto é quase certo



que não se trata desse sentido. O sentido mais usado pelo apóstolo diz respeito a uma enfermidade espiritual, algumas vezes chamada de “natureza pecaminosa”. O termo denota uma existência totalmente egocêntrica. O leitor, portanto, mesmo sem ter consciência disso, interpreta o texto à medida que o lê e, infelizmente, com muita frequência, interpreta o texto de forma incorreta.

Isso nos leva a observar, além disso, que o leitor de uma Bíblia traduzida em qualquer idioma já está envolvido na interpretação. A tradução, pois, já é por si só uma forma (necessária) de interpretação. Sua Bíblia, que para você é o *ponto de partida*, seja qual for a tradução usada, é na realidade o *resultado final* de um grande trabalho de erudição. Os tradutores são regularmente desafiados a fazer escolhas quanto aos significados, e as escolhas *deles* irão afetar o modo em que *você* entende o texto.

Assim, os bons tradutores levam em consideração as diferenças entre nossos idiomas, mas isso não é uma tarefa fácil. Veja a seguinte questão: em Romanos 13.14, por exemplo, devemos traduzir o termo grego por “carne” porque esta é a palavra usada por Paulo (como na KJV, NIV, NRSV, NASB, ESV etc.), e depois deixamos que um intérprete nos informe que “carne” aqui não significa “corpo”? Ou devemos “ajudar” o leitor e traduzir o termo por “natureza pecaminosa” (como na NIV 1984, GNB, NLT etc.), ou “inclinações naturais desordenadas” (NJB), uma vez que essas opções estariam mais próximas do que Paulo realmente *quer dizer*? Retomaremos esse assunto com maiores detalhes no próximo capítulo. Por enquanto, basta indicar que a própria *realidade* da tradução já envolveu a pessoa na tarefa da interpretação.

A necessidade de interpretar também pode ser vista na simples disposição de olhar o que acontece ao nosso redor o tempo todo. Um simples olhar para a igreja contemporânea, por exemplo, torna abundantemente claro que nem todos os “significados claros” são igualmente claros para todos. É muito interessante notar que a

maioria dos que argumentam nos dias de hoje que, apesar das evidências contrárias em 1Coríntios 11.2,3, as mulheres devem permanecer em silêncio na igreja, com base em 1Coríntios 14.34,35, ao mesmo tempo negam a validade do falar em línguas e da profecia, temas que constituem o próprio contexto em que a passagem que fala acerca do “silêncio” ocorre. E os que afirmam, com base em 1Coríntios 11.2-16, que as mulheres — e não somente os homens — devem orar e profetizar geralmente negam que elas devem fazê-lo com a cabeça coberta. Para alguns, a Bíblia “ensina claramente” o batismo dos crentes mediante a imersão; outros acreditam que podem defender, com base na Bíblia, o batismo de crianças. Tanto a “segurança eterna” quanto a possibilidade de “perder a salvação” são pregadas nas igrejas hoje, mas nunca pela mesma pessoa! No entanto, as duas posições são afirmadas como sendo o significado claro de textos bíblicos. Até mesmo os dois autores deste livro têm algumas discordâncias entre si quanto ao significado “claro” de certos textos. Mesmo assim, todos nós lemos a mesma Bíblia, e todos nós procuramos ser obedientes ao significado “claro” do texto.

Além dessas diferenças reconhecíveis entre cristãos que creem na Bíblia, há também todos os tipos de coisas estranhas em circulação. Por exemplo, geralmente somos capazes de reconhecer as seitas porque possuem outra autoridade além da Bíblia. Mas nem todas elas a possuem; em todos os casos, porém, elas distorcem a verdade pela maneira em que selecionam textos da própria Bíblia. Todas as heresias ou práticas imagináveis alegam ter “apoio” em algum texto bíblico, desde o arianismo (a negação da divindade de Cristo) das Testemunhas de Jeová até o batismo em prol dos mortos entre os mórmons, e a manipulação de serpentes entre as seitas apalachianas.

Até mesmo entre pessoas teologicamente mais ortodoxas, muitas ideias estranhas são aceitas em vários círculos. Por exemplo, uma das modas atuais entre os protestantes norte-americanos,